

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	-1. FEV. 1980
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

HISTÓRIAS ANTIGAS SOBRE O INFERNO

— O sr. Conselheiro está educando mais alguns animais domésticos para entrarem brevemente na vida pública.

— Fala-se já no pintassilgo de S. Ex.^a que será colocado no Conservatório com um tostão por dia de ordenado e uma gratificação em alpista.

RAMALHO ORTIGÃO

(in «Crónica Teatral e Artística», 1881)

CONFESSO o meu quase espanto. Como tudo era fácil, senão mesmo romântico, no século mesmo aqui ao lado. Talvez porque os artistas canoros, e outros, não tinham ainda aprendido o que é a consciência de classe.

Sempre haveria, é certo, um ou outro mais atrevido para a época. Mas a maioria alinhava mais ou menos alegremente com o capital. Melhor vender o pio à burguesia janota, mesmo por vezes desafinando um pouco, do que cair no desemprego. Essa era a lógica desse tempo em que qualquer pintassilgo como o do sr. conselheiro vivia feliz. Ia à missa aos domingos, quer acreditasse ou não em Deus, recebia o seu salário com humildade, não reclamava dias de folga.

Em suma, voava sempre baixinho e com pouco ruído.

Imaginem a cena, hoje. Façam de conta que tinham a vosso cargo um pintassilgo sem cargo. Uma ave a quem o vosso governo tivesse retirado a alpista francesa e o subsídio em moeda forte, oferecendo-lhe agora a alternativa entre a ração nacional e o desemprego temporário. Uma espécie de pintassilgo ecológico, portanto, sem direito a voar nas alturas.

Imaginem o que seria tal cena, hoje em dia. Era o bom e o bonito. Quase contra a vontade do próprio, viriam por aí a baixo o Sindicato, a comissão cívica, o movimento das mulheres, o secretariado de apoio, os católicos, o comité das bem-aventuranças de esquerda, enfim, meio país inteiro, lembrar que caramba, Portugal é um País de-

mocrático. Não se podiam perseguir pintassilgos como quem persegue Sakharovs, Plyushchs, Bukovskys, Sallen trinas, Tver d okhtebna, Cereles ou quis quer outros indivíduos de má reputação.

Depois, viria o sr. conselheiro, em pessoa, e quase estragaria toda aquela movimentação popular, ao afirmar que o caso Sakharov era praticamente idêntico ao caso do seu pintassilgo, só que este não era ainda prémio Nobel.

Ao mesmo tempo, viriam os jornais, a publicidade, viria o outro meio País inteiro reclamar a pública atenção para o alcance do pintassilguismo na vida nacional e para o grave risco desse importante movimento de massas se vir a transformar num simples movimento ecológico. Viriam, quase certo, falar das vantagens de transformar o pintassilgo nacional num candidato à chefia de um partido ou à Presidência da República.

Mas em cima da jogada estaria, quase certo, o Governo. Para garantir a todos os portugueses que os pintassilgos são uma praga. Que, em especial os educados pelo sr. conselheiro são a maior das ameaças à independência nacional, que põem em risco a História de Portugal e a própria civilização ocidental.

Seria, pois, uma calamidade nacional, essa disputa histórica sobre o destino do pintassilgo.

E o que diria os portugueses o Ocidente? Bem, quem não respeita os direitos de um pobre pintassilgo, quase ecológico, não respeita, com toda a certeza, os Direitos Humanos. Logo, estaria seriamente ameaçada a entrada de Portugal no Mercado Comum da civilização, onde cada pássaro tem a sua reforma social assegurada, onde lhe servem, todas as manhãs, além da alpista, um «croissant», e todas as noites, além da fêmea, uma caixa de preservativos. Onde já está tudo programado — à nossa espera — e as gaiolas têm todas «chauffage», música ambiente e televisão a cores.

Como iria a nação resistir psicologicamente ao tamanho risco de perder o ingresso na doce Europa, por causa de um pintassilgo? Seria deveras dramático que tal viesse a acontecer, depois de já nos ter acontecido tanto, durante oitocentos anos. Para mais, agora que acabamos de descobrir a Europa, após cinco séculos de completo desprezo, agora que lhe afirmamos diariamente o nosso amor e a nossa dedicação, agora que os portugueses podem viajar de «char-

ter» à sua própria terra prometida.

Bem, e o que diria o Leste das perseguições ao pintassilgo nacional? Bem, o Leste só fala, segundo diz, quando tem contrato, e a pedido, como no Afeganistão. Mas, que diriam as polícias políticas do Leste — polícias de esquerda e do povo, claro — sobre o dilema do pintassilgo? Persegue-se, não se persegue? É quase certo que garantiriam que, por exemplo na U. R. S. S., não se persegue nenhum pássaro desde o tempo dos czares.

E talvez acrescentassem, apenas: quando um pássaro, aqui, não quer cantar o que nós cantamos, é porque está doente, ou então, é da U. I. A. No primeiro caso, porque somos signatários da convenção de Helsínquia sobre os Direitos Humanos, damos aos nossos pássaros um tratamento equivalente, nos nossos hospitais psiquiátricos. No segundo caso, limitamo-nos a transferir o pássaro suspenso para um clima mais propício à sua reeducação. Para uma cidade como Gorki, por exemplo, onde a decadente cultura ocidental não pode penetrar. Nesse autêntico ex-libris democrático, onde se cultiva o «homo sovietus», ser de superior capacidade moral e intelectual, os nossos pássaros são, pois, regenerados. Não perseguimos ninguém.



Por
**CARLOS
VARGAS**

Entretanto, seria muito provável que numa atitude de invulgar alcance internacional, o prof. Freitas do Amaral chamasse a Lisboa o barão de Coubertin, para lhe transmitir o protesto do seu Governo contra tudo o que não seja americano e para lhe dar conta da sua decisão histórica de mandar transferir os Jogos Olímpicos de Moscovo, para os arredores da Malveira.

Moral da história: Nunca a antropofagia deixará de ser o exercício cultural favorito dos políticos. Nunca o progresso deixará de fazer-se para alguns, por falta de prisões, para outros. Nunca, o que afasta o homem da sua própria dignidade deixará afinal de ser ridículo, por falta de vontade de rir.